

TEMA 5 - ENSINO, LITERATURA E FILOSOFIA:
LIMIARES DA FILOSOFIA DA EDUCAÇÃO

Artigos

Contribuições foucaultianas para se pensar o presente: os restos, o cuidado e o ensino

*Rodrigo Pelloso Gelamo*¹

*Pedro Angelo Pagni*²

FFC/UNESP

Resumo

Vivemos em uma época em que perguntar sobre o que fazemos de nós mesmo parece soar estranho. Sobre esse lugar de ausência podemos pensar *o que fazer*, sobretudo, quando estamos diante do ensinar filosofia e nos deparamos com os impasses atuais sobre o que é válido pensar por alunos e por professores nessa atividade. Em geral, nas aulas de filosofia somente se considera válido pensar os problemas desenvolvidos tradicionalmente nesse campo disciplinar, sem que se interpele sobre o quanto a sua formalização concorreu para que fosse tratado de modo dissociado à vida. Este artigo discute o que faz com que um problema seja *um problema válido*, ou melhor, *digno* de ser tratado pela filosofia e de ser ensinado nas situações de ensino, pressupondo uma ampliação do que vem sendo considerado como tal e de sua associação com a vida. O seu objetivo é o de discutir de que modo é possível pensar aquilo que afeta mais diretamente *nossa* vida; pensar aquilo ao qual estamos ligados; pensar aquilo que está ligado à nossa *própria experiência* que, ao seqüestrar nosso pensamento, nos auxilia a pensar nossa própria existência. A hipótese que procura discutir é a de que, se os problemas podem surgir a partir dos acontecimentos produzidos pelos encontros, suscitados na vida e, também, na relação pedagógica, então, eles podem ser considerados como problemas filosóficos e propiciar um efetivo exercício do pensar em ato. Ao discutir essa hipótese, nos apoiamos no pensamento de Michel Foucault, especialmente nas noções de *Ontologia do presente* e *Cuidado de si*, para encontrar um lugar de *resistência* para pensar nosso presente e para propor outro modo de fazer e de ensinar a filosofar.

Palavras-chave: Ensino de Filosofia. Problemas filosóficos. Ontologia do presente. Cuidado de si.

¹ Mestre em filosofia e doutorando pelo PPg em Educação da UNESP/Marília. GEPEF. FAPESP. gelamo@gmail.com

² Prof. do PPg em Educação de UNESP/Marília. GEPEF. pagni@terra.com.br

Foucault's Contributions to think the present: the remains, the care and the teaching

Abstract

We live in a time in which asking about what we do to ourselves seems to sound strange. About this place of absence we can think *what to do*, especially when we are before the teaching of philosophy and we come across current impasses about what is valid to think for students and for teachers in this activity. In general, in classes of philosophy it is only considered valid to think the problems traditionally developed in this disciplinary field, without questioning how its formalization has contributed to the way, dissociated from life, that it is treated. This article discusses what makes a problem a *valid problem*, even better, *worthy* of being treated by philosophy and of being taught in teaching situations, presupposing an enlargement of what has been considered as such and of its association with life. The objective is to discuss how it is possible to think what affects *our* life more directly; to think to what we are connected; to think what is connected to our *own experience* that, in kidnapping our thought, helps us to think our own existence. The hypothesis that it tries to discuss is that, if the problems can emerge from the events produced by encounters, called forth in life and, also, in educational relation, then, they can be considered as philosophical problems and to propitiate an effective exercise of thinking in action. In discussing this hypothesis, we supported ourselves in Michael Foucault's thinking, especially in the notions of *Ontology of the present* and *Care of yourself*, to find a place of *resistance* to think our present and to propose other way of doing and teaching to philosophy.

Key words: Teaching of Philosophy. Philosophical problems. Ontology of the present. Care of yourself.

Entre as várias leituras que estamos fazendo para o desenvolvimento de nossas pesquisas, deparamos-nos com um Foucault que estava preocupado com uma perspectiva teórica e com um tema específico que desenvolveu mais tardiamente em seu projeto filosófico.

A perspectiva mencionada é a denominada por ele de *ontologia do presente*, isto é, da interpelação do que somos enquanto elementos e atores desse mesmo presente no qual estamos imersos, muitas vezes remetendo-nos ao passado para, nesse tempo recôndito, explicitar os restos rejeitados pela nossa tradição como uma forma de crítica ao instituído e de resistência ao existente: quem sabe, com ela, pensar na criação de outros modos de subjetivação e de um fazer artístico sobre nós mesmos.

O tema ao qual nos referimos é o do cuidado de si (*epiméleia heautoû*), isto é, o de um modo em que nos dispomos diante de nós mesmos e dos outros, que estaria, senão em dissonância, ao menos em tensão em relação ao conhece-te a ti mesmo (*gnôthi seautón*) socrático. Se o conhece-te a ti mesmo é um caminho bastante conhecido pela tradição filosófica que sucedeu Sócrates, o cuidado de si, também enunciado pelo filósofo grego, foi praticamente abandonado pela mesma tradição. Ao contrário de se pautar pelo pressuposto de um sujeito abstrato ou como uma categoria universal, necessário ao conhecimento de si apregoado por essa tradição, o cuidado de si é um resto desse sujeito, que, ao ser recuperado, depõe contra essa categoria. Como um si mesmo irredutível a essa categoria e como produtor de uma ética imanente ao sujeito, mas conflitante com a sua constituição e com a consciência moral, com a qual se identificou na modernidade, tal cuidado é justamente aquilo que ficou de fora da filosofia do sujeito e que fora objeto de interdição para que a consciência de si prevalecesse. Nesse sentido, Foucault recobra esse resto em sua *hermenêutica do sujeito*, tendo em vista a produção de modos de existência a partir da inflexão sobre esse si mesmo, almejando não mais as regras de conduta impostas desde fora, mas um modo de governo de si, proveniente daquela ética imanente, capaz de resistir às formas instituídas de governo dos outros.

De certo modo, ao abordar essa *hermenêutica do sujeito*, Foucault (2004) adota a perspectiva da ontologia do presente, suspeitando da categoria moderna de sujeito e buscando em sua gênese aquilo que se contrapõe a ela e que pode objetá-la no presente. Mais do que isso, nesse movimento parece ecoar o procedimento crítico genealógico enunciado por Foucault (2004b) ao proferir sua aula inaugural no *Collège de France*, em 1970, depois publicada com o título *A ordem do discurso*, em que revela as principais características de seu método de trabalho histórico-filosófico. Também ecoa aí o problema da crítica e do iluminismo, contido em sua palestra “O que é a crítica?” (Crítica e *Aufklärung*), pronunciada em 1978. Contudo, se, em sua aula inaugural de 1970, seu procedimento crítico genealógico ainda persiste na crítica histórica meticulosa, desenvolvida com a finalidade de elucidar a loucura, a desrazão, a arqueologia do saber em suas relações com o poder e com as interdições discursivas, por outro lado, na palestra de 1978 nota-se um maior acento no problema do *Aufklärung* e na possibilidade de vislumbrar na crítica do tempo presente outros modos de existência. Do mesmo modo, em suas aulas proferidas no *Collège de France*, em 1982, posteriormente publicadas com o título *A Hermenêutica do Sujeito*, o tema do cuidado de si é abordado por ele, partindo de certa contraposição à categoria do sujeito e, sobretudo, à moral na qual se constituiu. Desse modo, Foucault procura colocar a crítica, que consiste na retomada do cuidado de si, na ordem do dia, como um meio de

resistir a certa forma de governo para encontrar, nesse jogo de crítica e de governamentalização, a possibilidade de uma *ética de si* ou de uma *estética da existência*.

Nota-se também aí um Foucault que ensina como pesquisa, que ensina com a pesquisa, como um ato filosófico que serve de ensaio para os seus livros: um educador que não transmite o que sabe, mas que circula em um campo de problematização que acredita ser válido pensar para interpelar o tempo presente, compartilhando com o público de suas aulas um pensar em ato, ainda não concluído, mas cuidadoso, sendo ele próprio a expressão de um cuidado de si inimitável. Se, nas aulas de 1970, Foucault (2004b) diz não saber por onde começar, temendo adentrar na ordem do discurso e postulando um não lugar privilegiado para a sua enunciação, no curso ministrado em 1982, ele se mantém com esse mesmo receio e ausência de lugar, ocupando-o só aos poucos: quando convida seu auditório a cuidar-se, desde que considere válido pensar os problemas que o afetem no presente, chamando à responsabilidade dessa dívida para consigo mesmo.

Nosso encontro com essa perspectiva, com esse tema e com a sua abordagem, nos tem feito buscar um sentido para nossas reflexões sobre o ensino de filosofia ou, de modo mais específico, sobre os problemas que nos afetam, no presente, como professores dessa disciplina em cursos superiores para não filósofos, ou de Filosofia da Educação em cursos de formação de docentes. Embora Foucault não tenha pensado esses problemas específicos, pensá-los a partir da perspectiva da ontologia do presente, nessa situação particular, é o que nos desafia neste artigo. Sob a nossa ótica, isso implicaria interrogarmo-nos sobre o que somos nós como professores dessas disciplinas e sobre como o si mesmo que nos é constitutivo se empreende no ensino. Para tanto, ao introduzirmos o tema do cuidado de si, problematizaremos uma tradição na qual fomos formados e que aspirou a formação da “consciência de si”. Se tal aspiração fez com que o professor se preocupasse com um método que desenvolvesse nos alunos os aspectos formais, lógicos e cognitivos, necessários ao pensar filosófico, ou com a transmissão dos conteúdos da história da filosofia a serem assimilados por eles, vemos na possibilidade de os cuidados de si mesmo chamarem a atenção para um maior cuidado com os outros, sem que, no entanto, isso implique a exigência de que esse outro assimile uma consciência idêntica à nossa, supostamente verdadeira, porque mais instruída, pressupondo um ideal de sabedoria. Enfim, abordaremos o ensino como nós o pesquisamos, expressando nosso pensamento em atos em constituição, ensaiando-os sem improviso, mas abertos aos acontecimentos propiciados pela aula. Desse modo, esperamos instigar uma atitude filosófica para com o ensino dessas disciplinas e, quem sabe, de um cuidado com nós mesmos, que auxilie a cuidarmos melhor do outro, dando

mais importância ao que é válido, ou, seria melhor dizer, o que nos interessa pensar nessa prática.

Em um primeiro momento, buscaremos entender os conceitos foucaultianos de crítica, de atitude filosófica e de si mesmo para criar um campo de visibilidade e poder encontrar os restos de subjetividade esquecidos pela filosofia ao pensar a verdade e o conhecimento. Objetivamos, com isso, mapear um campo de possibilidade para pensar aquilo que, segundo Foucault, foi esquecido: o cuidado de si. Posteriormente, vamos buscar entender a função e a necessidade em se pensar o cuidado de si para pensar o ensino de filosofia não mais como uma transmissão de conhecimento e de métodos “verdadeiros”, fundados em uma concepção do conhecimento, mas o cuidado para consigo e para com o outro como uma alternativa viável para o filosofar. Desse modo, queremos, com o auxílio de Foucault, resgatar os restos do cuidado, esquecidos pela história da filosofia, como uma possibilidade para se pensar o ensino de filosofia.

A crítica, a atitude filosófica e o si mesmo: pensar os restos

A perspectiva aberta por Foucault parece nos ajudar a entender de que modo poderíamos entrar nesse problema sem fazê-lo deixar de ser um problema filosófico, ou seja, os problemas filosóficos não deveriam ser necessariamente aqueles que estivessem norteados pelos temas da verdade, do sujeito e do conhecimento, ou mesmo da história da filosofia, da metafísica ou da epistemologia. Foucault não se nos apresenta como um filósofo cujo fundamento serviu para nossa pesquisa e nosso problema, mas como um educador que nos ensina a olhar de outro modo a filosofia, mostrando-nos um outro caminho deixado na filosofia que fora paulatinamente sendo esquecido. Isso porque suas lições auxiliam-nos a nos libertarmos da busca pela verdade, pelo universal e pelo necessário ao nos colocar a seguinte questão: “[...] será que o conhecimento da vida deve ser considerado apenas uma das regiões que decorrem da questão geral da verdade, do sujeito e do conhecimento?” (2005, p. 366). Foucault não gosta ou não quer trabalhar com temas tidos como “importantes” para a pesquisa filosófica em sua concepção mais tradicional. Ele escapa das tendências e das obviedades mesmo quando sua preocupação concentra-se em temas tidos como caros à filosofia: não só escolhe outras entradas para problematizar os temas tradicionais, como faz questão de deixar muito claro este tipo de escolha. Vejamos o que diz logo no início da *Hermenêutica do sujeito* (2004), passagem em que ele afirma que sua preocupação centra-se no estudo das relações entre a verdade e o sujeito: “Pode-se objetar que, para estudar as relações entre sujeito e verdade, é sem dúvida um tanto paradoxal e passavelmente sofisticado escolher a noção de *epiméleia heautoû*, para a

qual a historiografia da filosofia, até o presente, não concedeu maior importância.” (2004, p.4-5).

Para Foucault, nessa atitude residiria uma atitude crítica que poderia ser compreendida “como parceira e adversária das artes de governar”. Isso porque a atitude crítica se estabelece “como maneira de desconfiar delas, de recusá-las, de limitá-las”, de transformá-las e de escapar das artes de governar ou de deslocá-las, como uma espécie de “reticência essencial”. Ao mesmo tempo, ela propugna desenvolver essas mesmas artes de governar como uma atitude moral e política, uma maneira de pensar, como uma espécie de cultura geral, que poderia ser caracterizada como “a arte de não ser de tal forma governado” (2000, p.172).

Nesse jogo entre governamentalização e crítica, notar-se-ia a gênese do grupo de relações que amarram o poder, a verdade e o sujeito. Dessa forma, segundo Foucault (2000, p.173):

[...] se a governamentalização for realmente o movimento pelo qual se trata, na realidade mesma da prática social, de sujeitar os indivíduos pelos mecanismos de poder que invocam para si uma verdade, então diria que a crítica é o movimento pelo qual o sujeito se dá o direito de interrogar a verdade sobre seus efeitos de poder e o poder pelos seus discursos de verdade; a crítica será a arte da não servidão voluntária, da indocilidade refletida. A crítica teria essencialmente por função o desassujeitamento no jogo que poderia ser denominado, em uma palavra, política da verdade.

Um dos momentos em que podemos notar essa tematização de Foucault é na leitura que ele faz de Kant. Segundo Foucault (2000, p. 174), Kant teria definido o *Aufklärung* em relação a certo tipo de estado de menoridade: (1) estado de menoridade em que a humanidade seria mantida, autoritariamente; (2) menoridade caracterizada como uma incapacidade da humanidade em fazer uso de seu entendimento, dependendo de outrem para tanto; (3) incapacidade que, por um lado, compreende uma relação com a autoridade (o excesso de autoridade) e, por outro, o que é considerado como falta de decisão e coragem. Kant ainda daria alguns exemplos de menoridade em relação à religião, ao direito e ao conhecimento, estabelecendo em torno deles a relação do *Aufklärung* com a autoridade (ou com o seu excesso). E, concomitantemente, seu ensaio sobre o assunto, justamente pelo seu gênero jornalístico, evocaria um apelo à coragem, uma atitude, necessária para se sair da auto-inculpável menoridade. Desse ponto de vista, a crítica é o que Kant postula em relação ao reconhecimento dos limites do conhecimento e do pensamento no sentido de instigar que se diga até que ponto vai o saber e o pensar, respectivamente, com segurança e sem perigo.

Nesses termos, a crítica seria concebida como reconhecimento dos limites do conhecimento e como o processo pelo qual o pensamento chegaria a uma idéia de autonomia que estaria longe de se opor à obediência aos soberanos. Pode-se dizer também que, em termos kantianos, historicamente, sua crítica teria se contraposto ao processo geral de governamentalização e, de certa forma, participado de sua distribuição por outras artes (jurídicas, religiosas, pedagógicas) de um modo bastante singular.

A partir dessas pistas, é possível dizer que, para Foucault (1984; 2000), o que imobilizaria a saída da minoridade requerida pela emancipação seria a obediência cega e o assujeitamento às formas de governamentalização, resultantes de uma virtude pouco corajosa e omissa em relação à própria vontade de revolução. Ela nos faria pensar em como afetar essa vontade para que a emancipação ocorresse, mediante as considerações acerca de seus limites atuais. Poderíamos dizer, ainda, que essa seria uma das metas do governo de si, entendido como uma das dimensões do cuidado, compreendidas pela arte pedagógica atual, que postula efetivamente uma educação para a emancipação.

Nessa arte, a minoridade parece ser vista não apenas como um limite relativo à finitude da vida humana e à governamentalização da sociedade em geral, mas também como potencializadora de uma estética da existência, em que o pensamento sobre aquela implica a despotencialização dos mecanismos de poder desta, com o intuito de criar outra experiência com o pensar e outra ética de si. Nesse processo, certamente, a resistência ao existente e o desejo de ruptura com o *ethos* hegemônico nas relações de poder e verdade seriam partes constitutivas, e não fins em si mesmos, de uma atitude emancipatória, podendo dar vazão a uma vontade de libertação limitada; até porque essa arte de governo de si denominada educação estaria enredada a outras pelas quais aquelas relações se perpetuam. Mesmo assim, essa arte pedagógica poderia ser vista em seu sentido imanente como auxiliadora no processo de emancipação. A intenção de Foucault é a de criar condições de escapar da governamentalização causadora da sujeição. Desse modo, poder-se-ia promover condições para que a dimensão da crítica fosse resgatada como um cuidar-se.

Tal processo de emancipação individual e coletivo não dependeria simplesmente do uso da razão e do entendimento, ou simplesmente de um conhecimento acerca de si. Segundo Foucault (1984), essa emancipação necessitaria de um apelo àquilo que não podemos abandonar e que só é possível quando realizada por nós mesmos: a coragem de romper com o conformismo da tutela historicamente constituída, interpelando os mecanismos de poder no presente, e o entusiasmo necessário a tal empreendimento, capaz de criar outras experiências em relação a si mesmo e ao mundo.

Para Foucault, a atividade filosófica hoje poderia ser entendida como um

[...] trabalho crítico do pensamento sobre o próprio pensamento? Se não consistir em tentar saber de que maneira e até onde seria possível pensar diferente em vez de legitimar o que já se sabe? Existe sempre algo de irrisório no discurso filosófico quando ele quer, do exterior, fazer a lei para os outros, dizer-lhes onde está a sua verdade e de que maneira encontrá-la, ou quando pretende demonstrar-se por positividade ingênua; mas é seu direito explorar o que pode ser mudado no seu próprio pensamento, através do exercício de um saber que lhe é estranho. O “ensaio” – que é necessário entender como experiência modificadora de si no jogo da verdade e não como apropriação simplificadora de outrem para fins de comunicação – é o corpo vivo da filosofia, se, pelo menos, ela for ainda hoje o que era outrora, ou seja, uma “ascese”, um exercício de si, no pensamento. (FOUCAULT, 2003, p.13)

Desse ponto de vista, Foucault procura pensar, com seu trabalho histórico, os problemas que atravessam sua experiência de pensar a si mesmo no presente, reportando-se ao *ethos* grego, como um modo de problematizar o sujeito moral moderno e o sujeito desejante contemporâneo, bem como a racionalidade que os prescreve. O diferente dessa racionalidade compreende as forças do mundo e vontade de poder que movem o agonismo grego e que seriam intratáveis pelo conceito e inapreensíveis pelo pensamento.

Segundo a interpretação de Deleuze (1988, p.101-31) sobre Foucault, essas forças repercutem e se refratam sobre a superfície corpórea, de um lado, pressionando-a de dentro para fora no sentido de romper o seu invólucro e de produzir uma ação sobre o mundo, e, de outro, sendo pressionada pela sua dispersão no mundo no sentido de seu refreamento e de sua canalização para um objeto definido por ele. Essa instância não idêntica ao sujeito, ou essa corporeidade efêmera, seria uma das faces do pensar *sobre* e *em si* mesmo, de cuidar de si mesmo, pois, tal ato seria necessário à produção de um maior equilíbrio entre o conflito das forças e de uma maior temperança no uso dos prazeres.

Seguindo a interpretação de Deleuze sobre Foucault, pode-se dizer que pensar sobre esse outro e sobre o si constituir-se-ia numa arte de si mesmo, porque ela problematiza a figura do sujeito moderno ou mesmo do sujeito desejante, já que deles prescinde, e confere à imanência do plano da vida um sentido ético, antes do que moral. Essa arte poderia romper com o passado e interromper a perpetuação de seus mecanismos no presente, colocando a existência em constante desconstrução e reconstrução, em desequilíbrio por não ser algo pronto e acabado, mas uma obra inconclusa que aglutina e dispersa, que ocorre em torno da experiência *na* e *com a* vida, *no* e *com o* mundo.

Desse modo, em tal experiência, o si mesmo constituir-se-ia em uma zona de impacto em que as forças e a vontade de poder que as movem são sentidas como intensidades, experimentadas como fluxos e vividas singularmente. Nela, também, os mecanismos de poder e de saber que incidem sobre o mundo podem ser percebidos como produtores de uma tensão constante, de um filtro que impede a percepção completa do exterior, desenvolvidos com o intuito de refrear aquelas forças e vontade de subordiná-las a uma ordem discursiva e de proscrevê-las da esfera da razão humana.

É sobre os restos deixados que Foucault faz suas escavações para entender de que modo o tema do sujeito e da verdade se entrelaçam na antigüidade em duas preocupações: conhecer a si mesmo e cuidar de si mesmo. Para usar as palavras do próprio Foucault, entender de que modo o *gnôthi seautón* e o *epiméleia heautoû* estão “acoplados, atrelados”. A partir desse tratamento ao problema, desse fundo esquecido, é que nosso autor resgata o cuidado de si que havia sido abandonado pela história da filosofia.

Cuidado de si e ensino de Filosofia

Segundo Foucault, podemos localizar na Apologia de Sócrates uma preocupação inicial com o cuidado de si. Ele localiza nesse texto três momentos que são importantes para o entendimento do cuidado. A primeira passagem pode ser encontrada em 29d, momento em que seus acusadores parecem estar meio confusos sobre o que realmente Sócrates fizera de mal, e inseguros acerca daquilo de que deveriam acusá-lo. Eles o questionam se não teria vergonha de estar em tal situação de julgamento, uma vez que, por si só, ser acusado era uma situação em que um homem honrado jamais estaria. Uma situação vergonhosa que, em si mesma, já era uma desonra a um cidadão ateniense.

Sócrates, então, responde que não está envergonhado e que não teria nenhuma razão para estar. Ao contrário, está orgulhoso de ter levado a vida que levou. Encontramos esse *elogio a si* na seguinte passagem:

Atenienses, eu vos sou reconhecido e vos amo; mas obedecerei antes aos deuses que a vós; enquanto tiver alento e puder fazê-lo, estejais seguros de que jamais deixarei de filosofar, de vos [exortar], de ministrar ensinamentos àqueles dentre vós que eu encontrar. (PLATÃO apud FOUCAULT, 2004a, p.8).

Sócrates afirma que, por mais que queiram ou que o condenem à morte, ele não deixaria de fazer aquilo para o qual foi encarregado: cuidar de modo tal que seus convivas mudem de atitude e cuidem de si mesmos e interpelar os outros para que

atentem ao que estão fazendo de si mesmos. Nessa passagem, encontramos duas formas do cuidado: uma para consigo mesmo e outra para com os outros. O primeiro cuidado é para com aquilo que fora revelado pelos deuses. O segundo para com todos aqueles que cruzarem seu caminho: interpelar sempre para que cuidem de si mesmos. Nesse sentido, não poderia estar envergonhado, pois, tudo o que fez foi exortar os atenienses a cuidarem de si mesmos.

A segunda passagem, em 36b, está relacionada ao modo como propõe o fato de sua morte ser um motivo de perda maior para os outros do que para si mesmo. Sócrates demonstra que quem sofreria maior perda seriam os próprios atenienses, pois não haveria mais ninguém que colocasse toda sua vida ao cuidado deles, a interpelá-los, a problematizar os modos de vida de cada um. Alguém que estivesse a todo o momento lembrando-os de que deveriam cuidar de si mesmos. Desse modo, Sócrates se coloca como aquele que cuida. Que está pronto para cuidar. Para que o cuidado seja incorporado como um momento de despertar.

Assim, surge o terceiro momento que está relacionado à aproximação entre o cuidado e o conhecimento (*ephiméleia* e *gnôthi*). Aquele que cuida de si mesmo deve conhecer-se a si mesmo. Esse conhecer-se apareceria como uma das dimensões do cuidado e não como “a” dimensão do cuidado. Assim, o conhecimento de si estaria subordinado ao cuidado de si, como uma de suas dimensões do cuidado, e não o contrário: o cuidado subordinado ao conhecimento de si mesmo, como fora interpretado pela tradição do pensamento ocidental. Aquele que cuida de si mesmo precisa conhecer-se para bem cuidar-se e para cuidar bem. Para produzir uma técnica de condução de si.

A partir do exposto, podemos sintetizar a dimensão do cuidado em três momentos:

1 – Primeiramente, como uma atitude geral diante de si e do mundo: encarar as coisas, estar no mundo, praticar ações e se relacionar com o outro. Como uma atitude filosófica de cuidar. Assim, “A *Ephiméleia heautoû* é uma atitude – para consigo, para com o outro, para com o mundo” (FOUCAULT, 2004a, p. 14).

2 – O cuidado seria uma atenção, um olhar atento para o que acontece. Segundo Foucault (2004a), “O cuidado de si implica uma certa maneira de estar atento ao que se pensa e ao que se passa no pensamento” (p.14). Estar atento para o que se passa consigo e com o mundo, de modo tal que isso se dê como um exercício de cuidado e de pensamento.

3 – Em terceiro lugar, implica uma transformação de si. Implica modificarmos os modos de agir no mundo e de nos relacionarmos com o mundo. Por isso, não designa simplesmente um voltar a atenção para si, mas também um modificar-se. Um modificar-se e modificar o mundo fazendo do cuidado de si, pelo conhecimento de si, uma técnica de si. Técnica de existência que se dá como uma estética da existência.

Assim, para Foucault, o *conhece-te a ti mesmo* é uma consequência do cuidado de si. O preceito principal é cuidar de si mesmo, e um desses cuidados deve ser o de conhecer a si próprio. Assim, a regra geral poderia ser entendida da seguinte maneira: “é preciso que te ocupes contigo mesmo, que não te esqueças de ti mesmo, que tenhas cuidados contigo mesmo” (2004a, p.6). É sobre esse preceito que o *conhece-te a ti mesmo* deve se fundar, como uma das práticas do cuidado.

Desse modo, Foucault apresenta-nos uma outra forma de nos relacionarmos com nós mesmos, que não era apresentada pela história do pensamento ocidental. Tínhamos como acesso ao pensamento o conhecimento e o conhecimento sobre o conhecimento. Esse foi o modo como nos foram apresentados Sócrates e seu método. Pensamos que esse olhar da modernidade, marcado por uma teoria do conhecimento, tenha sido determinante na leitura que temos do Sócrates preocupado com o conhecimento, e da leitura que não temos do cuidado socrático de si. Por isso, quando pensamos em Sócrates, pensamos em um mestre filósofo que estava preocupado com o conhecimento, com o conhecimento de si, e com um conhecimento que pudesse conduzi-lo à verdade sobre as coisas, mesmo que essa verdade fosse o *só sei que nada sei*. Se entrarmos no âmbito da ironia socrática, também encontraremos o mesmo problema do conhecimento: só sei que nada sei. Por isso, seria importante conhecer o que não se conhece. Para se ter acesso ao conhecimento sobre si, seria necessária uma inflexão sobre si mesmo.

Esse modo de olhar Sócrates parece-nos sintomático. Isso porque nossa preocupação, assim como a preocupação dos modernos, é com o conhecimento. Precisamos conhecer. Esse é o imperativo da modernidade. Se não conhecermos, estaremos fora do mercado de trabalho. Se não conhecermos, não seremos respeitados. Se não conhecermos, não seremos cidadãos. A pergunta a respeito do que somos se relaciona necessariamente com o que conhecemos. Só podemos ser algo se tivermos conhecimento e acesso ao conhecimento sobre algo.

Nessa relação do sujeito com o conhecimento, está a educação e a instituição formadora que se apresenta como lugar que pode propiciar o acesso ao conhecimento. Desse modo, o instrumento utilizado para se fazer conhecer é o ensinar. Ensinar um

conhecimento a alguém. Transmitir um conhecimento. Transmitir o conhecimento acerca do conhecimento universal produzido por aqueles que o pensaram. Fazer conhecer.

O papel do ensinar ficou reduzido ao método de ensinar bem, aos métodos de transmissão de conhecimento, aos métodos de bem explicar os conteúdos que os alunos deveriam saber. Ou seja, ensinar seria uma maneira de fazer conhecer o conhecimento já anteriormente produzido por um outro. Esse é o lugar em que colocamos o ensino de filosofia: como uma maneira de fazer conhecer o que os filósofos fizeram, que atitude tomaram etc.

Pensamos que o que restou esquecido na dimensão do ensino foi o cuidado. Não um cuidado de trocar de roupas, de ver se o caderno do aluno está bem organizado ou, ainda, checar se ele fez a tarefa. Referimo-nos à dimensão do cuidado tratada por Sócrates. Pensamos que essa dimensão precisaria ser resgatada no ensino. Para isso, seria preciso retirar o conhecimento de seu *status* atual. Ou seja, seria necessário deixar de centrar a educação no conhecimento e nos ocuparmos com uma educação que tenha como foco o cuidado.

Desse modo, o problema com relação ao que faz o filósofo quando seu ofício é ser professor de filosofia poderia ser tratado de duas maneiras: 1) manteríamos o status do conhecimento e daríamos explicações e formularíamos respostas quanto ao conhecimento de determinadas coisas que ele deveria conhecer para ensinar, de como deveria ensinar e para quem ensinar; 2) poderíamos lograr ao professor de filosofia a função de cuidar e, assim, retiraríamos dele o papel de ensinar, de explicar e de ser o detentor das coisas que seriam válidas para serem ensinadas.

Pensamos que o problema ora apresentado precisaria ser tratado da segunda maneira. Acreditamos, no entanto, que os séculos de ensino de filosofia e de invenção do que é ser filósofo não permitiram que escapássemos da função de transmitir um conhecimento. Por isso, acreditamos que uma saída para isso seja o cuidar. Cuidar como uma atitude geral para consigo mesmo e para com o outro. Diferentemente do checar para saber se o outro realmente aprendeu. Cuidar para que o outro tenha uma atitude de cuidado para consigo e para com o outro, e não checar se o outro deteve certo tipo de conhecimento acerca do que já foi dito sobre si e sobre o outro. Cuidar para que o outro tenha um cuidado para com o mundo e não que saiba o que é o mundo.

Cuidar dos pensamentos que são produzidos com o cuidado. Interpelar a si e ao outro, e cuidar para que o outro também interpele a si e aos outros com relação à qualidade dos pensamentos, sem que essa qualidade seja medida por certo conhecimento já estabelecido acerca do que se está em pauta no pensamento.

Por fim, fazer com que esse cuidado não seja algo que termine numa ação localizada, mas que ela seja transformada em um saber implicado no cuidado. Para que, desse modo, cada um que cuida, de si e do outro, seja movido a criar para si um estilo de vida em que o cuidado, o pensamento e o conhecimento estejam interligados.

A partir do que até agora expusemos, poderíamos nos questionar: o que estamos querendo com essa discussão? Fazer uma crítica ao conhecimento? Fazer uma crítica à educação atual? Parece-nos que nem uma nem a outra coisa. O que estamos querendo é resgatar os restos do sujeito. Buscar uma unificação do sujeito que fora dilacerado e abandonado. Queremos vasculhar aquilo que foi abandonado pela história do pensamento e resgatar essas dimensões do sujeito esquecidas. Pensamos que uma dessas dimensões seja o cuidado.

Essa dimensão do cuidado, assinalada por Foucault, não é algo que ele inventou para que o sujeito se reconcilie consigo. Pensamos que não existe uma reconciliação. Isso porque o sujeito moderno não tem a dimensão do cuidado, mas só a do conhecimento. Queremos mostrar que é possível ter um outro tipo de relação consigo mesmo que não seja aquela pautada pelo conhecimento e pela quantidade de conhecimento que se tem. Ora, o cuidado pode ser essa outra possibilidade. Possibilidade esta tão antiga quanto a própria filosofia.

Uma alternativa que encontramos é *heautou epimeleisthai*, ou seja, de nos ocuparmos com nós mesmos, com aquilo que fora esquecido e que nos parece ser de suma importância e que Foucault nos ajudou a pensar.

Desse modo, o que faz de nosso problema um problema válido, ou melhor, *digno* de ser tratado pela filosofia, mesmo que seja, de maneira particular, um encontro de um professor com uma sala de aula repleta de alunos, é a preocupação em inventar a própria existência, em produzir uma estética de existência que não esteja vinculada aos modos de condução da docência ou do docente, mas que seja produzida pelo encontro entre o exercício profissional e o cuidado que aquele que age de determinado modo tem para consigo mesmo. Enfim, produzir um encontro cujo resultado possa se produzir como uma estética da existência.

Assim, questões, como “de que forma fazer os problemas que surgem a partir dos acontecimentos produzidos nos encontros serem problemas filosóficos?” ou, ainda, “quais os problemas que podem ser considerados filosóficos e dignos de serem *pensados filosoficamente*?” podem e, é válido dizer, *devem* ser tratados de modo tal a resgatar algo que está sendo cada vez mais esquecido: o cuidado que se deve ter para consigo.

Considerações finais

Se o objetivo de nosso trabalho é o de pensar aquilo que afeta *nossa* vida; pensar aquilo ao qual estamos ligados, pensar aquilo que está ligado à nossa *própria experiência* e que seqüestra nosso pensamento, então, pensar nossa própria existência como professores parece ter algum sentido, sobretudo em uma época em que perguntar-se sobre *o que fazemos de nós mesmos* parece soar estranho. Podemos citar como exemplo disso nossa ação em sala de aula: somos professores e nunca havíamos nos perguntado o que era ser um professor. Em conversas com os colegas de profissão, vimos ressoar a mesma ausência desse tipo questionamento. Essa ausência pode ser entendida pelo modo como Foucault ([1984] 2006) apresenta a mudança de uma moral grega para uma moral cristã.

Segundo Foucault, “Da Antigüidade ao cristianismo, passou-se de uma moral que era essencialmente uma busca de uma ética pessoal a uma moral como obediência a um sistema de regras.” ([1984] 2006). Mais adiante, no mesmo texto, Foucault afirma que “[...] por toda uma série de razões, a idéia de uma moral como obediência a um código de regras está em processo, presentemente, de desaparecimento; já desapareceu”. Restando uma ausência de sentido naquilo que fazemos.

Sobre esse lugar de ausência, podemos pensar *o que fazer*. Melhor dizendo, podemos nos produzir a nós mesmos na ausência de algo que nos guie, e iniciar “uma busca de uma estética da existência.” ([1984] 2006). Desse modo, pensar o presente é pensar aquilo que nos afeta, é pensar os restos, é pensar a própria *vida*.

Referências

- DELEUZE, G. *Foucault*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1988.
- FOUCAULT, M. *A Hermenêutica do Sujeito*. São Paulo: Martins Fontes, 2004a.
- _____. *A ordem do discurso*. 11. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2004b.
- _____. (1984) *Uma estética da existência*. Disponível em: <http://www.unb.br/fe/tef/filoesco/foucault/esthetique.html>. Acesso em: 21 de junho de 2006.
- _____. *História da sexualidade: o uso dos prazeres*. 10. ed. v.2 Rio de Janeiro: Graal, 2003.
- _____. O que é crítica? (Crítica e *Aufklärung*). *Cadernos da FFC: Foucault: história e destinos de um pensamento*. Marília: Unesp Marília Publicações, v.9, n.1, 2000. p.169-89.
- _____. O que é o Iluminismo. In: FOUCAULT, M. *O Dossier*. Rio de Janeiro: Taurus, 1984, p.103-12.